



Research Paper

O PAPEL AMBÍGUO DA ARTE EM “O MAL ESTAR NA CULTURA”: considerações sobre arte e fantasia em Freud.

(...) a vida, tal como nos é imposta, é muito árdua para nós, nos traz muitas dores, decepções e tarefas insolúveis. Para suportá-las não podemos prescindir de lenitivos (FREUD, 1930).

ALAIANA MENEZES DA SILVA

*Mestra em Psicologia (UFPA)
Especialista em Saúde da Mulher e da Criança (UFPA)*

ANA CAROLINA PECK VASCONCELOS

*Psicóloga. Especialista Em Psicologia Hospitalar.
Mestra em Psicologia (UFPA)
Docente e Coordenadora de Clínica da Unama*

DANIELE EVELIN VIANA PINHEIRO

*Psicanalista (NIPSAM)
Diretora e Coordenadora do Centro de Estudos Freudianos de Belém*

JESSICA SAMANTHA LIRA DA COSTA

*Mestra e Doutoranda em Psicanálise – teoria e clínica (UFPA)
Docente e Coordenadora Adjunta do curso de Psicologia da Estácio – Nazaré (BELÉM)*

JULLIANA MORGADO ROCHA

*Psicóloga.
Mestra e Doutoranda em Cuidados Paliativos (Universidade do Porto)
Atualmente é coordenadora de ensino e extensão da APAE BELÉM.*

*Received 28 April, 2021; Revised: 10 May, 2021; Accepted 12 May, 2021 © The author(s) 2021.
Published with open access at www.questjournals.org*

O presente trabalho surgiu a partir de uma disciplina do curso de pós-graduação do programa de Psicanálise – teoria e clínica, da universidade Federal do Pará, disciplina esta que discutia o texto icônico de Freud intitulado “O mal-estar na cultura”. A partir das discussões travadas em sala de aula, fora sugerido pelo professor Ernani Chaves, professor responsável pela disciplina, que um texto fosse redigido a respeito da importância da arte e o modo que Freud abordou tal importância em *O mal estar na cultura*, texto datado em 1930 e que tem em seu cerne a insuportável verdade de que nós – humanos, necessitamos de lenitivos para tentar suportar a vida e a arte teria grande papel nesta empreitada.

Pois bem, antes que comece as devidas aproximações teóricas, seria de bom tom começar a introduzir de que maneira compreendo a aproximação entre a arte e a psicanálise e os motivos que me levam ao fascínio teórico e prático em torno desta aproximação e os motivos que me levam a, desde os primórdios acadêmicos, sempre ter me voltado ao estudo e ao entrelaçamento de ambas, arte e psicanálise. Acredito, assim como Freud também acreditava, que há um campo fértil e profícuo de investigações no mundo das artes e que os artistas nos contemplam com verdades ou indagações que por outras vias talvez demorássemos mais tempo a encontrar respostas ou até mesmo nunca a encontrássemos.

Não é segredo para os interessados e estudiosos da psicanálise que seu fundador era um exímio apreciador do mundo das artes, que seu interesse pela estética era de veras antigo e que suas obras possuíam vestígios das obras de grande parte dos artistas, sejam estes artistas plásticos, literários, dramaturgos, etc. Freud, muito embora tivesse algumas ressalvas com parte das manifestações artísticas que hoje são indubitavelmente

elevadas (como a música e o cinema), ainda assim entendia que os artistas detinham um conhecimento a respeito das questões humanas incontestavelmente mais elevado que qualquer especialista das áreas *psi*.

Quando abordara, por exemplo, uma temática que a mim interessa como a temática da feminilidade, Freud (1933[2018]) pediu para que, caso quiséssemos saber mais a respeito da feminilidade que investigássemos aquilo que os poetas tinham a nos dizer a respeito do assunto. Tendo em vista que só sujeitos muito elevados artisticamente poderiam ser os reais conhecedores da feminilidade. Aqui, faço questão de arriscar-me e estender tal afirmativa para todos os outros assuntos daquilo que consagramos como assuntos humanos. Poetas e artistas de maneira geral são os verdadeiros e reais conhecedores da alma humana. Não é porque Freud assim o disse, mas porque muito do que o próprio Freud produziu devesse a estes artistas.

Afinal, como Freud conceituaria o complexo de Édipo sem a *pequena* ajuda de Sófocles? Ou até mesmo como construiria todo o seu arcabouço intelectual sem a grande ajuda dos literários? Talvez a questão primordial para se levar em consideração quando apontamos os entrelaçamentos entre arte e psicanálise seja o fato de que tanto na tragédia quanto em psicanálise o homem é apresentado como um ser em conflito, um ser cindido, como se estivesse a caminho de uma desintegração. Nestes termos, aquele sujeito angustiado que é representado nas obras e nos palcos é o mesmo sujeito que lota os consultórios de psicanalistas mundo a fora. Assim sendo, é este entrelaçamento (entre arte e psicanálise) que pode nos servir de recurso para que consigamos absorver a dimensão trágica do ser humano.

No que se refere a essa questão (como em tantas outras), vale a pena irmos a Freud ([1919]2011) quem nos proporciona maiores esclarecimentos: o autor inicia as considerações em seu texto intitulado *O Inquietante* afirmando que não é comum que muitos psicanalistas sintam-se inclinados ou motivados a realizar investigações estéticas, principalmente quando entendemos que tais investigações não se restringem à teoria do belo, mas sim como teoria das qualidades do sentir. Entretanto, é interessante notar, como as precisas palavras de Souza (2015) corroboram, que foi justamente por meio da arte poética que Freud conseguiu nos comunicar muitas de suas teorias. Nas palavras de Souza (2015): “(...) sob o pano de fundo da estética literária, Freud nos brinda com uma inovadora abordagem do outro que, em vez de rechaçá-lo ou projetá-lo alhures, qualifica-o como inerente a tudo o que é humano, cindido por excelência” (p.73).

Pois bem, e o que são as criações, sejam elas artísticas (propriamente ditas) ou não, senão mecanismos para tentar significar aquilo que muitas vezes nem conhecemos a origem? É algo que nos ultrapassa, que nos submete, que nos arrebatava e que necessita ser exteriorizado de alguma maneira. É neste sentido que a noção freudiana de *Hilflosigkeit* nos é tão essencial para compreendermos a importância da arte na atividade humana e vice-versa. Pois, é justamente do ponto de vista de uma noção-chave na estrutura narrativa freudiana e usamos a própria arte para tentar compreender a psicanálise que conseguimos nos aproximar do entendimento que o trágico significa na experiência da fragilidade humana.

Ou seja, justamente ao compreendermos que a *Hilflosigkeit* se configura e se mantém viva a partir de brechas e buracos que foram instituídos e que são, em última instância, impossíveis de serem tamponados. O que nos marca, então, é uma espécie de incerteza e insegurança. De modo que é aí que a nossa luta se inicia e que entendemos o papel triunfante (ao menos em certa medida) do uso da arte. Pois: “(...) essa incerteza, paradoxalmente, dá sentido à vida. Por nossa condição de *hilflos*, nós, homens, lutamos com o intuito de encontrar saídas para as situações de *Hilflosigkeit*” (QUAGLIA, 2006, p. 82).

De volta a Freud, vale a pena destacarmos neste momento outro trecho de *O Futuro de uma Ilusão*:

Com o tempo, são feitas as primeiras observações de regularidades e de leis nos fenômenos naturais, e, com isso, as forças da natureza perdem seus traços humanos. Mas o desamparo dos homens permanece, e, com ele, os deuses e o anseio pelo pai (FREUD, [1927]2011, p. 59).

Freud ([1927]2011) nos alerta para algo bastante elementar: ele está dizendo que, apesar de tudo que vínhamos criando, não conseguimos dar um “basta!” a uma demanda que só tende a crescer. Logo, a criação dos deuses encobriria a necessidade de proteção frente ao martírio inacabado que a *Hilflosigkeit* representa desde os primórdios. Em acréscimo, Freud faz questão de fortificar a ideia de que essa situação não é nem de longe nova ou desarticulada. Pelo contrário, advinda de um modelo infantil, trata-se de mera continuação de uma situação antiga (FREUD, [1927]2011).

Logo, o dilaceramento trágico do desamparo (*Hilflosigkeit*) advém de uma ação essencialmente humana e elevada: a castração, castração esta que faz com que *hilflos* tome uma decisão: ou aliena-se ou separa-se. Em outros termos, ou o sujeito conforma-se com a nova realidade que lhe foi imposta e separa-se, ou rebela-se contra ela, e aliena-se. O importante é que tanto de uma maneira ou de outra, o sujeito sofrerá com os resquícios da *Hilflosigkeit*. E é justamente a partir da *escolha* por um ou por outro caminho que surgirá o conflito, conflito este que nos comanda e que nos rege por toda a vida. É impossível pensar no homem freudiano que não seja o homem regido pelo conflito.

Assim, ainda com Quaglia (2006, p.83): “todo esse encadeamento – ação elevada, caráter do sujeito, decisão e conflito – conduzirá o sujeito ao infortúnio, ao aniquilamento e a seu esmagamento final. Esse é o esquema objetivo do trágico em Aristóteles. Esse é o esquema da *Hilflosigkeit* em Freud”

E é exatamente por isso que, sobretudo nos textos mais tardios de Freud, o modo como ele lida com a *Hilflosigkeit* se apresenta de maneira mais radical. Se fôssemos nos questionar como se dá essa importante “evolução” (digamos assim) da noção de *Hilflosigkeit* no pensamento de Freud, iríamos perceber que, no início, é enfocada a incapacidade objetiva do sujeito recém-nascido em satisfazer ou sanar por conta própria suas necessidades. Somente depois Freud apresenta uma perspectiva mais drástica e ampliada da completa ausência de proteção ou garantias dos seres humanos (PEREIRA, 2008). Daí a relação que ele (Freud) faz com as criações que os homens realizam: criam deuses para compensar algo fundamental. Muito embora, mais uma vez, fracassem, já que: “(...) no que se refere à distribuição dos destinos, fica a suspeita incômoda de que a desorientação e o desamparo do gênero humano não se podem ser remediados. É sobretudo aqui que os deuses fracassam” (FREUD, [1927]2011, p. 59).

Segundo Pereira (2008), no momento em que o Freud está se questionando sobre a origem da religião e da criação dos deuses, a *Hilflosigkeit* surja em primeiro plano no *front* das discussões. Muito embora neste segundo momento, ela (a *Hilflosigkeit*), já esteja relacionada de maneira intensa ao Édipo e ao complexo paternal, o que faz com que ela - a *Hilflosigkeit* - assuma uma proporção cultural.

Assim, por que o entrelaçamento entre a *Hilflosigkeit* e a arte se torna válido aos meus propósitos aqui? Porque, sendo a arte um consolo diante da *vida humana*, tal como Freud ([1930]2012) bem o demonstrou em *O Mal-Estar na Cultura*, e sirva como espécie de apaziguamento dos nossos martírios, não à toa ela se aproxima no texto freudiano de certas drogas, do amor e da própria religião. Ela, ainda assim, não consegue dominar a *Hilflosigkeit* humana, fazendo com que o sujeito, uma vez confrontado com esta verdade insuportável, caia numa posição trágica (SELIGMANN-SILVA, 2012). Neste sentido, é a partir desta articulação que podemos pensar que a arte nos facilita compreender que o ser humano não é marcado por uma beleza monumental e que sua existência não é regida por harmonia, simetria e encantos. A existência humana, tal como nos confronta a psicanálise e a arte, é regida pela tragédia e pelo conflito.

Como nos diz Seligmann-Silva (2012), as artes possuem uma capacidade catártica elevada e é nelas que conseguimos visualizar de maneira muito nítida a combinação de terror e libido. Aliás, combinação esta que se encontra bastante representada em livros, filmes, peças teatrais e demais meios que a arte encontra para se expressar. E aqui, uma vez mais, as aproximações entre a arte (poética) e a psicanálise se estabelecem, pois:

Um traço comum entre Freud e seus artistas, não apenas Leonardo ou Michelangelo, mas também Goethe e Shakespeare, que é o apreço pela transgressão das normas estabelecidas, dos cânones, sejam eles científicos ou literários. O “herói” freudiano não é mais, portanto, aquele que luta contra o destino inexorável, a “moira” dos gregos, mas aquele que luta contra seu próprio desejo, mesmo que essa luta seja inglória e fracassada de antemão (CHAVES, 2015, p. 21)

Talvez a grande questão esteja nessa luta que é travada por todos nós, mesmo que, bem lá no fundo, já saibamos que a guerra está perdida. E é isto o que de mais emblemático se apresenta: a persistência de algo que não controlamos, mas que nos rege: o desejo. Há tempos já sabemos que não somos donos de nossa própria casa! Mesmo assim não abandonamos esta morada. E é nesse ponto que eu queria chegar, pois o trágico parece residir na *vontade*, e não na mera fatalidade. Assim, é possível compreender que é sobretudo desta decisão de persistir e buscar alguma proteção diante do caos que se apresenta como irremediável que emerge o caráter revelador do trágico da *Hilflosigkeit*. Ou seja, é a escolha deliberada em existir em um meio que conduz o ser humano a se torturar no conflito.

É nesse sentido que Mango (2013) não mede palavras para dizer que a psicanálise tem uma eterna dívida com a literatura, sendo que o próprio Freud tinha o conhecimento de tal dívida (o que não podia ser diferente, levando em consideração o seu percurso pessoal como leitor dos grandes clássicos). E é curioso notar que a força que une a psicanálise a este tipo específico de arte parece ser mais poderosa do que as demais formas de expressão artística (como a música, a escultura, a pintura, etc.). Tanto a psicanálise quanto a arte poética visam expor, lidar e explicar a complexidade da alma humana, investigar o que nela há de obscuro, perturbador e conflituoso.

A criação literária é sempre um campo notável para o estudo de mecanismos psíquicos que são, muitas vezes, pouco perceptíveis ou até mesmo secretos, que unem o fantasiar do criador à sua realização poética e artística, como bem demonstrou Freud ([1919]2010) ao se interessar pelas fontes da produção artística dos poetas e pelos efeitos desta última naqueles que as consumiam. Não à toa, Freud fez questão de deixar bem claro que as criações literárias – ou, melhor dizendo, que os poetas - tinham um acesso privilegiado à realidade psíquica, como acima descrevi.

Após as devidas aproximações e os mecanismos que fazem com que entendamos a importância de questões deveras próximas e paradoxalmente distantes, adentro de maneira mais específica ao texto freudiano que aqui é tomado como fundamental para encarar as discussões sobre arte e fantasia. Assim sendo, seria interessante que eu comece a descrever o conceito introduzido desde os primórdios por Freud (1897[1996]), o qual levou o nome de *fantasia*. Assim, Freud, quando estava às voltas com a construção de sua teoria, notou desde muito cedo que a sua teoria do trauma e sedução deveriam ser abandonadas para dar entrada a um

conceito crucial em sua teoria, o conceito de fantasia. Segundo Roudinesco & Plon (2008, p.224): “(...) designa a vida imaginária do sujeito e a maneira como este representa para si mesmo sua história ou a história de suas origens”.

Que estatuto, então, tem a fantasia na psicanálise freudiana? Sabe-se que a fantasia é uma das peculiaridades de nossa vida anímica, de nossa vida psíquica. Ela existe, por vezes, para nos proteger, para dar conta de todo um escopo pulsional que precisa sair via todas as brechas que comportamos em nosso ser e que podem ser deveras prejudiciais à nossa vida psíquica. Assim, a fantasia realiza seu papel apaziguador, muitas das vezes e nos protege, que media, ou como o próprio Freud diria: a fantasia serve para intermediar o princípio de prazer e o princípio de realidade.

É neste sentido que Nasio (2007) sabiamente complementa e mostra que a fantasia nos é absurdamente útil pois ela amansa, domestica a besta fera que nós abrigamos, ou seja, os desejos sexuais, a agressividade, a violência, a *parte obscura de nós mesmos* (nos termos de Elisabeth Roudinesco). Assim, sabendo que tais desejos querem satisfazer-se imediatamente, não levando em consideração a realidade externa, temos que:

(...) felizmente para nós e o nosso círculo social, o lobo voraz que vive inconscientemente em nós permanece tranquilo enquanto nosso eu consegue distraí-lo projetando o filme de uma cena de caça bem-sucedida em que ele devora o seu cordeiro. Pois bem, a fantasia é isto: um teatro psíquico (*grifo meu*) catártico que encena a satisfação do desejo e descarrega a sua tensão. (...) uma fantasia é a encenação no psiquismo da satisfação de um desejo imperioso que não pode ser saciado na realidade. (...) a fantasia tem como função substituir uma satisfação real impossível por uma satisfação fantasiada possível. (...) eis então que Freud qualificou a fantasia de realidade psíquica (NASIO, 2007, p.10-11).

A este ponto já temos um entendimento necessário para compreender do que estamos falando, em psicanálise, quando utilizamos o termo *fantasia*. Daí a sua importância para a construção, inclusive, da psicanálise, pois caso Freud não tivesse entendido o papel da realidade psíquica de cada um, talvez não compreendesse que, muitas vezes, uma denúncia pode ser fruto de um desejo muito latente. Afinal, a este ponto já é claramente entendível que uma fantasia é uma forma de defesa para tentar conter um desejo.

É neste sentido que a aproximação que Freud faz em *O Mal estar na cultura* da arte com certas drogas, com o amor e com a própria e tão *atacada* religião (maiores comentários e um entendimento mais detalhado a respeito desta questão em *O futuro de uma ilusão*, de 1927) é em uma tentativa de mostrar que a própria arte serve como um daqueles lenitivos frente a um sujeito atolado de desejos irrefreáveis, de uma sexualidade torturante e inabalável.

Ora, poderíamos pensar, então como não relacionar e tentar compreender a arte e a fantasia partindo de parâmetros freudianos que nos dizem que a arte serve como um mecanismo para tentar abarcar e enfrentar o mal-estar produzido de maneira escancarada pela cultura. É certo que Freud (1930[2012]) sucumbiu ao tratar da arte aqui neste texto, pois, apesar de ser um dos maiores conhecedores do mundo das artes, ele optou por tratá-la, aqui, como uma mera apaziguadora de questões deveras perturbadoras.

Freud (1930[2012], p. 61) não deixa dúvidas ao abordar o seu otimismo incontrolável – ainda que ao final do texto isto seja um pouco modificado – quando afirma que “satisfações substitutivas tais como as oferecidas pela arte são ilusões se comparadas com a realidade, mas mesmo assim não são menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que a fantasia conquistou na vida psíquica”.

Este trecho supracitado resume toda a discussão de tentei travar aqui desde os primórdios, inclusive quando tentei trazer algumas das origens para que este mal-estar se efetive dia a dia em nossas vidas (a exemplo do entendimento da *Hilflosigkeit*). De certa maneira, muito embora pareça, em uma primeira visada, um otimismo desmedido de Freud, ela sabia que necessitamos, para uma sobrevivência psíquica, que imperativos outros abarquem nossos desejos mais remotos, para que somente assim consigamos dar seguimento a todos os imperativos impostos pela vida cultural.

É nesse sentido que a arte e a fantasia servem como estas *criações auxiliares*, de Fontane. Afinal, ainda que de maneira parcial, sobretudo através dos moldes sublimatários das artes, conseguimos transpor para esta realidade aquilo que nos lança, que nos toma, que nos aflige.

Afinal, como bem entendido, o que dá seguimento à nossa vida – de forma geral – é o princípio do prazer. É este princípio que comanda nosso aparelho psíquico desde o início, segundo Freud (1930[2012]). A grande questão é que ele choca-se o tempo inteiro com o mundo externo. Tendo em vista o seu caráter irrealizável. Assim, na fantasia podemos ser aquilo que perdemos e na arte expressamos aquilo que não fora possível vivenciar e precisou ser coberto.

Nossa vida psíquica deve muito a estas construções auxiliares realizadas pelas artes, mas elas, todavia, também só são possíveis graças ao papel que a fantasia comporta em nosso psiquismo. Sempre que um artista interpreta um papel que abarca seus mais íntimos desejos, ele o consegue e consegue sobretudo satisfazer-se com isto através do papel da fantasia em sua vida.

Encaminhando-me para possíveis palavras finais, acredito que o papel ambíguo da arte e sua relação indubitavelmente descrita em *O Mal-estar* deve-se ao fato de que a arte possibilita tanto a catarse quanto a

vivência enevoada dos desejos mais humanos e sublimes. Bem como a fantasia salva-nos de sermos quem somos. É a fantasia, é a arte os meios que permitem com quem continuemos respirando e sobrevivendo em um mundo cada vez mais castrador e impositivo (a realidade brasileira atual nos aponta cada vez mais isso).

Todavia, não podemos deixar-nos cair em tentação e ficarmos somente otimista acreditando que o papel da arte se apresenta apenas pela via da satisfação sem maiores dores. O que isto quer nos dizer? Que a arte, muitos embora possa nos salvar, ela também pode tornar-se mortífera e sua experiência pode aproximar-se de um ápice experiencial em que seu autor seja suprimido e quase esmagado pelo seu efeito devastador. Clarice Lispector costumava dizer que o ato de escrever era uma experiência muito devastadora, que sempre que terminava um texto ela sabia que estava morta, que ela havia transposto, com toda a força violenta que lhe fosse possível, para as páginas em branco, tudo o que havia podido e conseguido e que após esta experiência, ela precisava recriar-se novamente para seguir vivendo.

Talvez Clarice, artista como só ela poderia ser, estivesse descrevendo-nos os efeitos mortíferos desta que supostamente nos salva de sermos quem verdadeiramente somos. É a dualidade e o conflito que à psicanálise é tão caro que aqui se apresenta. Sigamos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1]. CHAVES, E. *O Paradigma Estético em Freud*. In: FREUD, S. *Arte, literatura e os Artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- [2]. FREUD, S. (1897). *Trecho do Manuscrito N, Anexo à Carta a Fliess*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- [3]. FREUD, S. (1919). *O Inquietante*. In: FREUD, S. *Obras Completas, Volume 14: História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”)*, Além do princípio do Prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- [4]. FREUD, S. (1927). *O futuro de uma ilusão*. Tradução do alemão de Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
- [5]. FREUD, S. (1930). *O Mal-estar na cultura*. Tradução do alemão de Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- [6]. FREUD, S. (1933). *Feminilidade*. In: *ESB*. Op. Cit. V. XXII.
- [7]. FREUD, S. *Arte, Literatura e os artistas – Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- [8]. _____ (1897). *Trecho do Manuscrito N, Anexo à Carta a Fliess*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- [9]. MANGO, E. PONTALIS, J-B. *Freud com os escritores*. São Paulo, SP: Três Estrelas, 2013.
- [10]. PEREIRA, M. E. C. *Pânico e Desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo, SP: Escuta, 2008
- [11]. QUAGLIA, G. *A Dimensão Trágica da Hilflosigkeit em Freud*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia – Universidade de Brasília. Brasília, 2006.
- [12]. ROUDINESCO, E. PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.
- [13]. SELIGMANN-SILVA, M. *A cultura ou a sublima guerra entre amor e morte*. In: FREUD, S. *O Mal-Estar na Cultura*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012
- [14]. SOUZA, M. R. *Experiência do Outro, Estranhamento de Si: dimensões da alteridade em Antropologia e Psicanálise*. São Paulo, SP: Editora Universidade de São Paulo, 2015.